

ENTRE-VISTA: ANDRÉ SANT'ANNA

Uma das vozes mais significativas da recente produção literária, o escritor André Sant'Anna nos lança, por meio de suas narrativas, ao cansaço de um mundo desencantado. Aparentemente. Na verdade, ao atravessarmos as encruzilhadas que seu texto propõe, nos deparamos com um certo “princípio de delicadeza” (que Barthes deduz de Sade), que toca a linguagem para transformá-la no estado puro de desejo escritural. Tal desejo se evidencia no toque de existências mutiladas, nas quais a não-identidade insiste em repetir uma falta, uma utopia propulsora de sonhos e transformações.

Nascido em Minas Gerais, o escritor viveu grande parte de sua vida entre o Rio de Janeiro e São Paulo, com pequenas paradas em Ubatuba – espaço dos infernos de Mané – e Berlim – espaço da paixão e da mudança. Tocou contrabaixo durante os anos 80 no grupo Tao e Qual e atualmente trabalha no ramo publicitário. O primeiro livro, **Amor**, foi lançado em 1998 e chamou a atenção de grande parte da crítica especializada. **Sexo** (1999) o confirmou como uma das vozes mais profícuas do cenário literário contemporâneo, além da edição portuguesa de **Amor e outras histórias** (2001). **O paraíso é bem bacana** (2006) apresenta, como já foi dito em outras publicações, a “volúpia” da escrita do autor. Planos entrecruzados, vozes dissonantes, perspectivas multiplicadas através da consciência do mané-personagem. O que encorpa a violência da linguagem é o desejo, como afirma o autor, de um “lirismo” da inútil poesia do mundo. Anuncia para meados de novembro o próximo livro, **Sexo e Amizade**, pela editora Companhia das Letras. No mesmo volume estará a reedição de **Sexo**, além do livro de contos **Amizade**.

André Sant'Anna nos recebeu para uma entrevista, na qual discutimos algumas questões sobre os processos de narratividade de sua própria produção literária.

Fronteiraz – Para iniciar a conversa, poderíamos falar das leituras e autores que te servem de fonte. É necessariamente a literatura ou outras veredas?

A.S. – Inicialmente, eu tenho uma grande influência da música. Na verdade, nunca pensei que seria um escritor, que passaria a escrever, embora escrevesse. Eu tinha um grupo de música no Rio de Janeiro, o Tao e Qual. Detesto usar o termo vanguarda,

mas havia a vanguarda paulista e no Rio havia um grupo experimental que os jornais batizaram de vanguarda carioca. Independente disso, porém, minhas maiores experiências, além da musical, vêm do cinema, o Glauber Rocha, por exemplo, é um cara muito importante para mim. Foi ali que comecei a descobrir o mundo, não só por meio do cinema, mas principalmente por seus textos críticos. Meu pai é escritor, o Sérgio Sant'Anna, e desde pequeno havia em minha casa muitos livros, mas meu pai nunca me obrigava a ler, como na escola; pelo contrário, me incentivava. Na escola, você era obrigado a ler coisas que não tinham nada a ver com o adolescente. Como, com doze ou treze anos, você vai ler **A Mão e a Luva**, de Machado de Assis? Para um moleque de treze anos, aquilo não fazia o menor sentido... Um folhetim do século XIX, você fica naquela... E meu pai, por mais que fosse um escritor, um intelectual, sempre liberava livros como **Voando para o perigo, Aeroporto**. Lembro-me também de um livro chamado **Enterre meu coração na curva do rio**, sobre índios americanos. Era um tipo de literatura de aventura que me ganhou. É claro que as primeiras coisas que li eram, também, apresentadas por meu pai, como José Agripino de Paula, autor do **Panamérica**. Quando li aquilo, fiquei enlouquecido. Nelson Rodrigues também foi muito importante para mim, devido à denúncia da idiotice geral, embora ele fosse um cara que não usasse palavrão e nem descrevesse cenas de sexo minuciosamente, como eu faço.

Fronteiraz – Seu trabalho cotidiano com a publicidade influencia de alguma maneira seus procedimentos narrativos?

A.S.- Quando eu comecei a trabalhar com a publicidade, aprendi a escrever corretamente, foi minha última aula. Foi ali que comecei a aprender sobre o texto, para depois deformá-lo, embora eu escreva literatura diferente da propaganda. Na propaganda, a gente tem que ir para o linguajar médio das pessoas. Não há experimentação alguma. Pode-se experimentar visualmente, mas o texto tem de ser muito direto e falar exatamente o que você quer dizer. A publicidade influenciou muito meus primeiros livros, **Sexo**, principalmente. Ele se passa no mundo da propaganda, com alguns personagens publicitários.

Fronteiraz- As personagens de *Sexo* parecem ser rótulos que se movimentam enquanto nome e ação...

A.S. – São aqueles caras que eu via na Faria Lima, no shopping. São todos retirados do ambiente ao meu redor, ou mesmo dentro da própria agência. Vários daqueles personagens eu vi e pensei: vou colocar aquele cara aqui.

Fronteiraz - Como você pensa esta instância narrativa que é o autor em sua ficção?

A. S. – Eu sempre procurei ter um narrador em cada livro para criar uma linguagem diferente. Nos três livros que lancei, eu tentei inventar uma música diferente. O **Amor** é um livro sem narrador. É quase uma seqüência de substantivos, adjetivos e verbos. Engraçado que, quando comecei, o “eu” aparecia muito: eu fiz isso, eu fiz aquilo... E o livro ficou guardado quase dez anos. Depois, comecei a mexer e a primeira coisa que fiz foi tirar o “eu” da história, o que criou uma música interessante. Em **Sexo**, vou para os estereótipos mesmo, ou seja, eu pego o hiper-hiper realismo. Vamos dizer assim: como todos os personagens vão fazer sexo de alguma maneira, imaginei como as pessoas que eu via na Faria Lima fariam sexo, que tipo de gente era, etc. Já **Paraíso** é um livro muito pessoal. Falo de muitas coisas que vivi: primeiro minha pré-adolescência em Ubatuba, depois a Alemanha, onde morei logo após a unificação; o futebol, que é uma paixão, e o hospital, já que tive uma pancreatite aguda e passei seis meses internado; quase morri. Eu tive uma vivência em hospital muito grande, mas claro, procurei me tirar da história. O personagem Mané, por exemplo, é um cara muito pobre e eu, quando fui morar em Ubatuba, vindo da cidade grande, era meio intelectualzinho, tinha pé chato, não sabia correr nem nadar direito... Fui um pouco saco de pancada. Em Ubatuba, no primeiro dia de aula, tive uma briga como aquela que acontece numa cena de **Paraíso**. O próximo livro que está saindo é uma coletânea de contos, alguns até saíram em revistas. Todos são em primeira pessoa, que é o modo como imagino ser a linguagem de cada um desses personagens.

Fronteiraz - Em *Rush*, o narrador-taxista é aquele que recolhe casos do mundo urbano por meio de uma máquina de produzir sensações, que é o carro. Uma espécie de caixa de Pandora. Esse movimento se aproxima do narrador na tradição oral, só que em nova chave. Como você vê este novo narrador?

A.S. - O motorista de táxi é um dos maiores retratos do que é o brasileiro hoje em dia, até pela falta de civilização. Eu sou da opinião de que a qualidade humana dos brasileiros está piorando. Não tem nada a ver com raça, mas no sentido da falta de educação, até mesmo para manter esse sistema de desigualdade social, que vai desde o motorista de táxi até o de ônibus, que dirige contra os passageiros. Ele tem raiva do mundo porque é pobre, porque ganha mal, porque acorda muito cedo. Então, sai dirigindo, derrubando as velhinhas, freando bruscamente, não pára no ponto...O motorista de táxi simboliza muito isso. Por que é ele que vem com esse discurso de que o bom era no tempo da ditadura? Por quê? Porque na ditadura não era qualquer um que tirava carro. Ele não sabe nem o que está dizendo. Então, esse discurso pronto do motorista de táxi é a caixa de Pandora mesmo, que expõe todos os preconceitos, todas as verdades políticas e sociais.

Fronteiraz - Como você vê essa outra instância narrativa que é o leitor?

A.S. - Quando comecei a escrever literatura, não pensava no leitor. Escrevia o que queria, até porque eu achava que não iria ser publicado. Fui pego de surpresa quando começaram a me chamar de “o escritor André Sant’Anna”. Foi um susto e só aí passei a imaginar quem era o leitor. Vamos dizer que o primeiro livro profissional que escrevi, já tendo uma editora, foi **O Paraíso é bem bacana**, que saiu pela Companhia das Letras. Quando comecei a escrever, fazia isso para me vingar do meu chefe na agência de publicidade. O **Amor** surgiu de uma fossa, uma dor de cotovelo da namorada que eu tinha na época. Era um livro meio catártico, tanto é que uso a primeira pessoa, o “eu” André falando. Os leitores que eu imaginava para **O Paraíso é bem bacana** eram aqueles que tinham gostado do livro; gente como Bernardo Carvalho e Flora Sussekind. O **Amor** é um livro que eu lancei com quinhentos exemplares, de uma editora muito

pequena do interior de Minas, do Sebastião Nunes. Um livro muito pequeno, que mandei para os jornais e tive muito retorno, recebi muitas cartas. Mas, quando Bernardo escreveu na **Folha** sobre o livro, foi uma surpresa. Ele foi a primeira pessoa que me considerou um escritor que valia a pena. Então, os leitores do **Paraíso** eram pessoas como o Bernardo Carvalho. Quando os editores me propuseram para eu escrever alguma coisa, estava pensando muito nisso. Acho que isso tudo é muito ao acaso. A gente nunca sabe de onde o leitor vai vir, aquele que gosta do que você escreve ou que não gosta, que lê e faz um comentário inteligente ou que entende outra coisa. O leitor tem esse mistério. Pode levar o livro pra qualquer lugar e, às vezes, surpreende. Às vezes até a favor. O cara te elogia por uma coisa que você nunca imaginou.

Fronteiraz – Suas narrativas estão recheadas de violência em todos os níveis: sexual, psicológico, etc. Mas ela parece ser, também, uma violência contra o próprio padrão literário.

A. S. - É pretensioso de minha parte dizer isso, mas eu tento fazer uma literatura diferente. Tem o tal do “escrever bem”. Sou bastante cobrado pelos meus inimigos, que falam que eu escrevo mal. É o tal negócio: eu escrevo mal porque não sigo um padrão literário, o que seria a escrita correta, vamos dizer assim. Se quiser acrescentar alguma coisa, tem que fugir um pouco do caminho. Como eu estou sempre procurando essa música diferente no que faço, tenho problemas. Hoje em dia, estou com problemas em meu quarto livro, até achar a música do que seria meu quinto livro. Não posso simplesmente escrever um livro com o mesmo tipo de linguagem dos anteriores e, ao mesmo tempo, é difícil ficar inventando a cada momento...

Fronteiraz - Fugir de si?

A.S. - Já me disseram, por exemplo, que eu deveria escrever algo mais “normal”, mais tradicional com a linguagem, contar uma boa história... Mas talvez não tenha nem talento para isso. Talvez eu não seja um bom contador de histórias. No próprio **Paraíso**, eu entrego a história na terceira página. Todo mundo já sabe o que vai

acontecer no final. A novidade ali, tanto no conteúdo quanto na forma, está no decorrer. Eu acho que só vale a pena escrever alguma coisa se for para escrever algo pessoal, diferente. Eu não posso aparecer com algo que já existe.

Fronteiraz - É interessante esse mecanismo. Apesar de anunciar o que vai ser a narrativa, continua-se tendo vontade de ler. Por exemplo, os adolescentes lêem e gostam muito. Eles mexem o corpo o tempo inteiro, riem, um conversa com o outro sobre o texto. Como você vê essa questão do público jovem?

A.S. - Eu senti que desde **Amor**, os adolescentes são um tipo de leitor que eu conquisto com certa facilidade. Até porque eles não têm esse vício de um formato padronizado sobre o conceito do que é boa literatura. Possuem abertura para conhecer. Não estão questionando se estou inovando ou não, se o Machado de Assis é velho e eu sou novo. Eles têm essa abertura para ler coisas diferentes. **Amor**, por exemplo, é um livro difícil, mas o adolescente tem essa coisa de ler em voz alta. Eu acho tão legal isso. Em sala de aula mesmo, em faculdade, sempre fui muito bem recebido, o pessoal gostava. Já vi muita gente que, na primeira página do **Amor**, por exemplo, tinha uma certa rejeição, mas depois começava a ler em voz alta e ficava... Já ouvi relato de gente que ficou raciocinando o que é o amor por vários dias. Juventude sempre é bom nesse sentido. Ainda se está aberto.

Fronteiraz – A palavra que parece bater no corpo.

A.S. - Exatamente. Ele não está ali para ver um formato e sim para conquistar isso espontaneamente.

Fronteiraz - Algo que instiga nas narrativas, por exemplo, em o *Paraíso é bem bacana*, é a questão da repetição. Essa seria uma forma de dizer que toda novidade é repetição?

A. S. - Um pouco. O principal ali acontece com os delírios do Mané. Há também um pouco disso nos personagens que falam sobre a vida dele. Falam mais ou menos a mesma coisa. Na cena de sexo com as setenta e duas virgens, vai se mudando muito devagarzinho... Foi um conflito que eu tive até na hora de editar. Não mostrei para muitas pessoas antes de publicar. Mostrei para o Schwarz, da editora, para meu pai, minha mulher, alguns amigos no Rio. Todo mundo dizia “está um pouco cansativo aqui”, etc. Fiquei naquele drama, mesmo na prova do livro, na hora de cortar. Na última hora, pensei em cortar, mas não dez por cento. Cortei pouco e não cortei por esse critério da repetição ou do cansativo, mas os pedaços que realmente não estavam bons, porque quis provocar essa sensação do personagem no leitor, coisa que eu mesmo sinto. Eu não estou ali para as pessoas ficarem com tesão lendo as cenas de sexo, pelo contrário, acabo causando um cansaço. Se você pensar bem, é uma vida sexual e tanto, estar com setenta e duas virgens no paraíso, mas depois de um mês seu repertório começa a se cansar e então o Mané começa a pensar sobre a vida. Eu poderia ter feito isso com mais pressa, mas achei que tinha que passar por esse cansaço, essa ojeriza. Em determinado momento, ele vai percebendo que o importante não é o sexo, é algo além. O desafio maior da narrativa, nos sonhos do Mané, já que o vocabulário dele é mínimo, estava naquele momento do *insight* sobre a vida, sobre a morte. O tempo todo descobrindo, porém ele não tem palavras, é ignorante, não estudou, é semi-analfabeto. Como uma pessoa semi-analfabeta, que tem vocabulário reduzido, vai explicar alguma coisa que percebeu sobre a vida? Acho esse o grande desafio e daí cai na repetição, embora eu use repetição em todos os meus livros. Só que em cada um tem uma função diferente.

Fronteiraz - Ao mesmo tempo em que se falou da repetição, o uso da denotação também é intenso. Parece ser um texto que não quer se metaforizar, não deseja beleza. Parece sair à rua para apanhar só os resíduos?

A. S. - Ele não tem esse artesanato. Eu procuro escrever sem procurar construir, então há parágrafos muito grandes ou muito curtos. Não venho com a fórmula, fujo dela sempre, em qualquer circunstância.

Fronteiraz - As personagens aparecem como mercadorias dispostas no supermercado do mundo, por assim dizer. O único traço de identidade que elas carregam são os rótulos. É por aí mesmo?

A.S. - Em **Sexo**, claramente. Os personagens, individualmente, não têm vida própria. O “executivo de gravata vinho com listras diagonais alaranjadas” corresponde aos vários executivos que você vê na Avenida Paulista. São lugares comuns da sociedade para mostrar que segue um padrão e se comporta de uma certa maneira para conseguir sobreviver nesse mundo cruel (irônico).

Fronteiraz - Seguir esse padrão é uma espécie de limitação que você traduz em linguagem. Por exemplo, o Mané não exprime sentimentos, nada abstrato, pela própria deficiência da linguagem dele.

A. S. - Ele sente, mas não tem palavras para dizer isso. Eu fiquei imaginando como seria isso, se alguém, sem essas palavras, tivesse como dizer coisas profundas. E, para sentir coisas profundas, você não precisa ser um intelectual, não precisa saber nem ler, nem escrever, mas para exprimir você precisa, e aí eu fiquei pensando como seria isso.

Fronteiraz - Como você vê essa marca de “transgressora” para a geração 90? Essa marca condiz com a produção literária do período?

A.S. - Depois que saiu o livro, comecei a achar que a palavra transgressora rotula e cria um certo pedantismo, ou seja, equivalente a você falar “eu sou de vanguarda, experimental”. Ninguém pode chegar e dizer “eu sou um transgressor”, afinal, um transgressor de verdade jamais se intitula transgressor. Mas o Nelson de Oliveira, ao organizar o livro, fez um trabalho e tanto para a literatura brasileira, e não sei quando as pessoas vão reconhecer isso. Não só o Nelson, mas o Marcelino, o Joca,

são pessoas que se tornaram uma espécie de militantes da causa literária e são responsáveis pela literatura atual ganhar um espaço na sociedade, que até então não tinha. O Nelson começou a ver: quem está escrevendo? Até o final dos anos 90, o papo que se tinha é que não havia literatura, que o jovem formava banda de rock, que ninguém escrevia, que não havia escritor, que a literatura brasileira tinha parado nessa última geração (que é a geração do meu pai, do João Ubaldo, do Loyola Brandão). Então ele fez um catálogo, um levantamento do que estava sendo feito na literatura brasileira.

É claro que, se eu pudesse voltar atrás, não gostaria que colocasse o nome do livro de **Transgressores**. Lembro-me que, na época em que fazia música no Rio, um jornalista do **Globo** ou **Última Hora** convocou esses grupos para uma entrevista coletiva, a fim de lançar como movimento. A gente passou a noite inteira da entrevista negando o rótulo de vanguarda, explicamos toda a história da vanguarda, que era um movimento do século XX, etc. Hoje em dia, não faz mais sentido chamar alguma coisa de vanguarda, já que ninguém se preocupa em estar à frente do tempo. Explicamos que era apenas uma música diferente, dizendo que vanguarda não seria o termo exato. No dia seguinte, abre-se o jornal e... “A vanguarda...” Aí, não tem jeito... Jamais vou falar “eu sou de vanguarda, eu sou transgressor, eu sou inovador, estou à frente de meu tempo”, até mesmo porque acho que não sou. Hoje é pós, pós modernismo. Não dá mais, esse tempo não existe.

Fronteiraz - E como você vê a questão da crítica literária?

A.S. – A crítica literária está na academia mesmo, na universidade. Algumas pessoas que estudam fazem coisas mais profundas sobre literatura. Realmente não está na imprensa, no que sai no jornal. Esse tipo de coisa de dar estrelinhas, dizendo “isso é bom; isso não é bom”, está “abaixo da crítica...” (risos). Embora não possa nem reclamar, já que **Amor**, que era um livro totalmente desprezioso, obteve três críticas boas. **Sexo** saiu em todos os jornais e revistas e foi muito bem avaliado. Não é uma questão de quem escreveu bem ou mal, mas o jornal não dá espaço. Antigamente, havia suplementos maiores. Hoje em dia, nem as revistas ou jornais especializados em

literatura dão espaço para alguma coisa mais profunda. Tudo é muito rápido, para ser consumido rapidamente.

Fronteiraz - A consciência do Mané demonstra limitações dentro de seu próprio imaginário, como se fosse um abismo de relações previsíveis. Seria este um traço que até mesmo a própria criação literária oferece: a de ser um rito sem transcendência?

A. S. - Não é nem a literatura especificamente. Vive-se num tempo um pouco assim, que, pela circunstância, falta um pouco da poesia. Meu editor português diz que eu sou um lírico. Na verdade, eu sou um emotivo. Gosto muito quando ele fala assim. Eu quero provocar isso nas pessoas: uma certa indignação com a falta de poesia no mundo. Acho que o mundo poderia ser mais bonito, ter relações mais bonitas entre as pessoas. Deveriam se amar mais. Seria fundir um certo marxismo com o cristianismo. Não um cristianismo no sentido da religião, católico ou evangélico, mas no sentido do amor ao próximo, da convivência entre as pessoas.

Fronteiraz - Se você pudesse definir o que é literatura para você, o que diria?

A.S. – Ela é uma forma de expressão lírica, a maneira que você tem de falar sobre as coisas. Pode-se programar o que irá dizer de verdade. Quando você está falando, está, também, improvisando. Fala algo para depois querer voltar atrás. Mas na literatura você tem a oportunidade de fazer aquilo que quer dizer, da forma que quer dizer. É a forma mais evoluída de expressão neste sentido.

Entrevista realizada em agosto de 2007, por Sandro Roberto Maio

Vídeos e edição: Luis Eduardo Wexell Machado

